



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA**

**HEROÍSMO E ANTI-HEROÍSMO NA ILÍADA: TERSITES CONTRAPOSTO A
ULISSES**

CAJAZEIRAS – PB

MAIO DE 2016

EVERTON FERREIRA DE LIMA

**HEROÍSMO E ANTI-HEROÍSMO NA ILÍADA: TERSITES CONTRAPOSTO A
ULISSES**

Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso de Licenciatura plena em Letras – Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande (CFP/UFCG), como requisito para obtenção do título de Graduado em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa.

CAJAZEIRAS – PB

MAIO DE 2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

L732h Lima, Everton Ferreira de
Heroísmo e anti-heroísmo na Ilíada: Tersites contraposto a Ulisses /
Everton Ferreira de Lima. Cajazeiras, 2016.
37f.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa.
Monografia (Graduação em Letras) – UFCG/CFP, 2016.

1. Estudos literários. 2. Ilíada - personagens. 3. Ulisses - herói
4. Tersites. 5. Crítica literária. I. Corrêa, Adriana Moreira de.
II. Título.

UFCG/CFP/BS

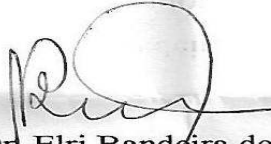
CDU- 82.09

EVERTON FERREIRA DE LIMA


**HEROÍSMO E ANTI-HEROÍSMO NA ILÍADA: TERSITES CONTRAPOSTO A
ULISSES**

Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso de Licenciatura plena em Letras – Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande (CFP/UFCG), como requisito para obtenção do título de Graduado em Letras – Língua Portuguesa.


Orientador: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa.



Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa
Orientador



Profa. Dra. Lígia Régina Calado de Medeiros
Examinadora



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
Examinador

Cajazeiras – PB

2016

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a **Deus**, por ter me dado o dom da existência, o acordar nas manhãs e respirar, estando ao meu lado nos momentos de que mais precisei, de me ter resgatado do fundo da solidão.

Aos meus pais, em especial a minha **mãe**, que nunca me deixou faltar nada, que esteve sempre ao meu lado nos momentos bons e ruins que passei e que passamos, e que sempre perseverou e soube me mostrar o que era o caminho certo.

Aos meus **familiares**, de forma restrita, aqueles que me amam, que com bons incentivos souberam cativar em meu coração lugares especiais, e dele não sairão, que pelos momentos de socorro vieram às ajudas.

Aos **amigos** que não poderei deixar de lado, carismaticamente adentraram em minha vida e me construíram com materiais de valores incalculáveis.

Aos **mestres**, que nessa longa e árdua caminhada, souberam transmitir conhecimentos e fazer parte da minha aprendizagem, não só no profissional, mas também para a vida, a quem vão os meus sinceros agradecimentos e dizer que valeu a pena.

Sou apenas um caminhante, Que perdeu o medo de se perder.

Estou seguro de que sou imperfeito. Podem me chamar de louco,
Podem zombar das minhas ideias. Não importa!

O que me importa é que sou um caminhante. Que vende sonhos para os
passantes. Não tenho bússola nem agenda. Não tenho nada, mas tenho
tudo, pois sou apenas um caminhante. À procura de mim mesmo.

(AUGUSTO CURY, 2008)

RESUMO

O poema épico, *Ilíada*, atribuído a Homero, destaca, em contraste aos heróis, um personagem rebaixado, diminuído, Tersites. Trata-se de um anti-herói, pois transgride um ideal aristocrático e é surrado por Ulisses, que se eleva na condição de herói, deixando o companheiro humilhado como forma de castigo. É preciso delinear uma discussão acerca do herói épico e seu contraponto o anti-herói na narrativa homérica. O objetivo neste trabalho é discutir o contraste entre o herói Ulisses e o anti-herói Tersites contribuindo para a visibilidade do anti-herói presente nas epopeias. A proposta desta pesquisa é de caráter bibliográfico e se apoiou em teóricos como: Wegner Jaeger (2013), que nos apresenta a formação de uma educação ao estilo grego; Flávio Kother (1987), que define o herói e seus determinantes; Junito de Sousa Brandão (2000), que trata do herói contraposto ao anti-heroísmo; André Jolles (1930), que define o que é mito, além de outros autores como, Karl Kerényi (2015), na constituição da história dos heróis em formação para os gregos; Mircea Eliade (2011), Ernest Cassirer (1985), Erich Aurebach (2007), entre outros. O livro, a *Ilíada*, utilizado para análise foi a tradução de Frederico Lourenço. O estudo mostrou a importância de ressaltar os atos de anti-heroísmos, não só na *Ilíada*, objeto de nosso estudo, mas em outras epopeias no geral. Nesse sentido chegamos à conclusão de que os atos heroicos podem ser questionados e repensados, diante das circunstâncias evidenciadas.

Palavras - chave: *Ilíada*. Tersites. Ulisses. Herói. Anti-herói.

ABSTRACT

The study of classical texts always worried theorists and still worrying. The myths appear in primitive times, subsequently they are sung and written many centuries later. What we have learned or what we have transmitted became possible because of reading and use of language, both written and spoken. In previous centuries the VI. C., these texts were sung. This literature, oral or written, was crucial to the spread of myths from a need to spread the values and achievements of a certain people. The epic poem, the Iliad, attributed to Homer, stands in contrast to the heroes, a dropped character, decreased, Tersites. This is an antihero because transgresses an aristocratic ideal and he is beaten by Ulysses, who rises on the hero status, leaving fellow humiliated as punishment. The objective of this paper is to discuss the contrast between the hero Odysseus and the antihero Tersites. This research was based on theoretical as Wegner Jaeger (2013), who show us the formation of a Greek-style education; Flávio Kother (1987), who defines the hero and its determinants; Junito de Sousa Brandão (2000), who deals with the hero opposed to the anti-heroism; André Jolles (1930), who defines what is myth, and other authors such as Karl Kerényi (2015), the constitution of the history of heroes in training for the Greeks; Mircea Eliade (2011), Ernest Cassirer (1985), Erich Aurebach (2007), among others.

Keywords: Iliad. Tersites. Ulysses. Hero. Antihero.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
1. O SURGIMENTO DO MITO E A EPOPEIA HOMÉRICA: NA ILÍADA	13
1.1 HOMERO	19
2.2 VALORES ARISTOCRÁTICOS CONTADOS PELA EPOPEIA HOMÉRICA	20
2. O HERÓI ÉPICO E O ANTI-HERÓI.....	23
2.1 A ORIGEM MÍTICA DO HERÓI ÉPICO: TRAÇOS INDIVIDUAIS E ARISTOCRÁTICOS, A HONRA E AS AÇÕES ELEVADAS.....	28
2.2 O ANTI-HERÓI: CARACTERÍSTICAS, TRAÇOS INDIVIDUAIS E A EXCLUSÃO ARISTOCRÁTICA.....	31
3. ULISSES CONTRAPOSTO A TERSITES	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

Os gregos foram muito importantes para nós, pois desenvolveram contribuições que refletem na nossa sociedade, milênios depois. Berço da civilização cultuou deuses e heróis, narrando suas façanhas. Hesíodo narra a criação do mundo e dos deuses, em sua *Teogonia*, relatando os mitos que enaltecem a Zeus, como senhor supremo. Homero narra, na *Ilíada*, a fúria de Aquiles, que depois de suas desavenças com o soberano Agamêmnon, desiste de combater. Mas a *Ilíada* reserva um breve episódio para expor um contraste entre um herói e um anti-herói: é o momento em que o soldado Térsites é confrontado com Ulisses.

A *Ilíada* é considerada uma das primeiras obras da Literatura Ocidental, um poema épico composto por quinze mil versos. Surgidos, provavelmente, por volta de 700 a. C., sua narrativa se apresenta em subdivisões denominadas Cantos. Os Cantos homéricos fazem parte de um conjunto de obras intituladas de a *Ilíada* e a *Odisseia*. O enredo da *Ilíada* é caracterizado por batalhas povoadas de heróis e jamais nenhum outro livro conseguiu superá-la. Num ideário heroico onde a guerra pode ser vista como a principal aquisição de glória. A *Ilíada* relata bem esse movimento de ação entre os guerreiros.

Ao analisarmos os poemas homéricos, passamos a conhecer os valores éticos e culturais dos povos gregos que viveram num período, marcadamente, aristocrático de guerras e conflitos. É nesse contexto bélico que surge a *Ilíada* narrando parte da luta, entre os gregos e os troianos, cantando as ações de homens considerados heróis, por defenderem os mesmos ideais. Os poemas homéricos são caracterizados por descrever táticas guerreiras, onde reis e heróis combatem em defesa da honra. Num cenário considerado elevado, as ações desses heróis são apresentadas de forma enaltecida. A busca do heroísmo pelos personagens homéricos é caracterizada no reconhecimento da virtude.

Todavia, não é difícil perceber que heróis, em planos mais elevados, surgem para defender a existência de uma classe aristocrática, num sentido bastante amplo, não só mencionando a excelência humana, mas também a força e os ideais pretendidos, numa representação própria de deuses. A aristocracia é reapresentada, apenas, por guerreiros virtuosos em um sistema fechado. A classe nobre passa a ter direitos acima das demais, posicionando-se nas decisões de forma incontestável, de forma que, apenas os melhores prevalecem. De fato, é na *Ilíada* o reconhecimento de Homero se sobressaindo numa

expressão artística inconfundível, caracterizando uma nobreza ilustrada, detentora de uma autonomia que deve ser obedecida por todos.

A nobreza aristocrática descrita por Homero se destaca pela coragem, fisionomia e pelo uso de objetos sofisticados, posicionamentos restritos apenas aos reis e heróis que se destacam de forma ávida perante os demais. O canto I da *Ilíada* é iniciado com o conflito entre Aquiles e Agamêmnon, quando este se posiciona acima daquele, tomando a jovem Briseida como prêmio. Assim, nasce a disputa em torno da jovem e ocorre o afastamento de Aquiles dos campos de combate. Eis o primeiro ponto de conflito que surge na *Ilíada*. A ira de Aquiles contra o rei Agamêmnon. Aquiles, mesmo fadado a ter uma vida breve, busca, ainda, atingir a elevação e a conquista da fama eterna.

Neste momento conflituoso, os heróis gregos eram dotados de meios satisfatórios para validar a desobediência, ou por serem hereditários de deuses, ou por possuírem forças descomunais; caso esta postura se fizesse necessária. No primitivo círculo da formação histórica grega, tais atitudes eram feitas em nome do orgulho e da honra. Os heróis dos cantos homéricos aparecem lutando como seres monstruosos, em busca de atingir uma virtude na guerra, mesmo que lhes custe à própria vida. A busca dessa existência heroica está introduzida nas próprias conquistas pessoais, além de adquirirem status para as suas famílias e representantes de suas sociedades.

A proposta desta pesquisa, de caráter bibliográfico, é examinar a construção do herói épico e seu contraponto, o anti-herói, na obra *Ilíada* de Homero. Trata-se, portanto não apenas de estudar a formação do herói épico na *Ilíada*, o que já foi feito inúmeras vezes, mas colocá-lo em relação ao seu contraponto. Assim, podemos chamar atenção para um dos primeiros focos de anti-heroísmo na tradição literária ocidental. Parece ser rara, entre os estudiosos, a preocupação com a presença do anti-heroísmo, mesmo que acidental na obra de Homero, ou nas epopeias em geral.

Os teóricos em que nos apoiamos nesta pesquisa são Mircea Eliade (2011), Ernst Cassier (1985) e André Jolles (1930), que tratam de questões sobre a mitologia grega; Aristóteles (2014), que descreve a epopeia em contraste com a tragédia; Werner Jaeger (2013), que contribui com a conceituação de nobreza, noção peculiar da aristocracia na cultura Ocidental; Erich Auerbach (2007), que também trata do herói épico; Junito de Souza Brandão (1987), que expõe uma síntese acerca da origem dos heróis e suas atividades; Flávio Kothe

(1987), que apresenta uma definição acerca dos heróis clássicos, emergidos da grandeza aristocrática, mas também trata do anti-herói.

O presente trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro ressalta o surgimento dos mitos na identidade dos gregos, com a tentativa de explicar a gênese e o fim do mundo, o explicável e o inexplicável. A própria designação da palavra mito nas suas origens, e a sua inserção na cultura ocidental, transpassando para futuras gerações seguintes. Além de ressaltar os mitos inseridos nas epopeias homéricas, em especial na *Ilíada*. Nos subtópicos uma breve explanação acerca da “Questão homérica”, sua real existência, ou não. E valores enaltecidos pela epopeia homérica, cantados em favor dos guerreiros.

O segundo capítulo apresenta a construção do herói épico e o primeiro foco de aparecimento na epopeia homérica do anti-herói, contrapondo os valores da aristocracia vigente, em uma época onde prevalece a hereditariedade e o bem dos reis. A origem mítica dessas figuras e seus atos de heroísmo, além de uma exposição dos traços peculiares do herói e do anti-herói inseridos no mesmo mundo. O herói representante da aristocracia, o anti-herói uma exclusão dela.

O terceiro capítulo encarrega-se da análise propriamente dita através da comparação entre Ulisses e seu contraponto, Tersites, os meios utilizados pelo herói para rebaixamento do anti-herói. Neste enfoque, o herói Ulisses é caracterizado por buscar a excelência nos conflitos, e por não ser um simples homem comum, mas dotados de atributos peculiares. Já Tersites é um soldado que vem do povo e se dirige para o povo, sendo o soldado desprovido de qualidades fisionômicas e atributos próprios de guerreiro, sua voz foi calada devido ao seu posicionamento em meio à circunstância.

1. O SURGIMENTO DO MITO E A EPOPEIA HOMÉRICA: NA ILÍADA

A literatura grega atingiu seu ponto mais alto de produções e reproduções literárias em momentos distintos que perduram nos dias atuais. É com base nos mitos que a origem do mundo e a sequência histórica foram contadas pela primeira vez. E essa tradição se consolidou no pensamento do homem do ocidente. Nela o mito pode ser definido como sendo algo ficcional ou racionalizado a partir de uma revelação primordial. Com base nessa linha de pensamento, precisamos situar a formação do mito na cultura ocidental e a consolidação numa época moderna para tentá-lo compreender.

A palavra mito, designada e interpretada por autores diversos, em tempos diferentes, chega até nós com significações diferentes. Segundo Eliade (2011, p. 7), os eruditos passaram a incorporar o estudo do mito em suas pesquisas a partir de duas pressuposições, “o mito como “fábula” ou “invenção” [...] e outra como “histórias verdadeiras” [...]”. A procura de interpretarmos os diversos mitos que surgiram na antiguidade grega faz com que busquemos aproximar o sentido da palavra em seu contexto de uso, já que houve um distanciamento no tempo e as mudanças que ocorreram no meio cultural ao longo dos séculos foram cruciais para a bifurcação dessas vertentes de estudos.

Os mitos existem e estão enraizados em diversas culturas. Verídicos ou não, precisamos entendê-los, mas antes de tudo é necessário conhecê-los. A mitologia é um todo organizado no sistema de mitos, “[...] como representação coletiva transmitida através de várias gerações e que propõe uma explicação do mundo” (MAFRA, 2010, p. 33). Assim os homens buscam interpretar e compreender o mundo através dos mitos, de acordo com os instrumentos que cada cultura possui, na qual os mitos se desenvolvem.

A palavra mito surge do grego “*mythéo* significando falar, conversar, narrar, refletir;”. Assim conceitua Mafra (2010, p. 34). Com efeito, muitos são os estudiosos que confundem esta palavra com outros significados. Conhecer a etimologia da palavra pode possibilitar a compreensão do mito, não tornando esse conceito definitivo, já que toda palavra evolui no tempo e no espaço, sofrendo modificações no uso de geração para geração. Roland Barthes (1980, p. 199), em seu livro *Mitologias*, relata a existência do mito pautada em uma fala, ou simplesmente, em uma forma do falar, mas não uma simples fala. Em busca de um sentido para a palavra mito, admitimos a definição de Barthes:

[...] desde o início é que o mito é um sistema de comunicação, uma mensagem. Eis por que não poderia ser um objeto, um conceito ou uma ideia: ele é um modo de significação, uma forma. Será necessário, mais tarde, impor a essa forma limites históricos, condições e funcionamentos, reinvestindo nela a sociedade: isso não impede que seja necessário descrevê-la de início como uma forma. [...] O mito não se define pelo objeto de sua mensagem, mas pela maneira como a profere: o mito tem limites formais, contudo não substanciais (BARTHES, 1980, p.199).

Pode-se dizer que os mitos prevalecem pela força da comunicação, dotados de significados e materializados nas civilizações pelos graus de intensidade atingidos e que se concretizam pelo meio cultural no qual está inserido pelo processo da verbalização. Em outras palavras, é inteiramente necessário dizer que os mitos ganhem forma e sentido de acordo com a necessidade de um ou do outro, em maior ou menor grau, a depender do elemento constituinte do mito, pois alguns conceitos podem não existir, ou variar, até mesmo desfazer-se num jogo de desaparecimento.

Desta forma, surgem os mitos como forma de explicar as diferentes manifestações culturais e crenças de um povo em processo de crescimento, a fim de elucidar o que não era compreensível pelo homem. Os gregos foram criando seus deuses à sua imagem e semelhança, dotados de poderes, que muitas vezes, estavam relacionados com as forças da natureza. Procuraram-se as várias maneiras de entender e interpretar os mitos. Conforme o pensamento de Mafra (2010, p. 33), “cada povo vê o mundo de acordo com os instrumentos de sua cultura, donde decorre a existência possível de mitos diferentes e inúmeros sistemas mitológicos”. Então, vem se tentando descobrir nos mitos uma sustentação significativa, com base nas ações de um povo e na forma de pensar em uma determinada sociedade, a fim de elucidar a verdadeira definição e funções dos mitos.

Assim, os mitos se desenvolvem na cultura grega e enraízam-se na literatura na qual se materializam, passando a explicar o significado desses mitos numa forma de pensar e compreender o mundo. Pois, como afirma Mafra (2010, p. 35), “O mito é uma “mensagem” comprometida com fatores históricos, com condições de funcionamento e com a sociedade da qual ela nasce e à qual se dirige”. Sendo assim, foram possíveis aos gregos as várias maneiras de interpretar e compreender os mitos no tempo em que viveram. Em muitas obras escritas, esses mitos aparecem como forma a ensinar a uma civilização, ainda sem preceitos morais.

Os dois livros da cultura ocidental que mais se estudaram durante milênios, nutriram e continuam nutrindo a imaginação dos estudiosos, pois não possuem um ponto de partida

decifrável no tempo e no espaço, e seu verdadeiro autor continua uma incógnita. Os gregos acreditavam que a *Ilíada* e a *Odisseia* haviam sido escritas por um único poeta, de nome Homero. A *Ilíada* foi considerada como a primeira obra da literatura ocidental, um poema épico construído por quinze mil versos, datados, imprecisamente, do século VIII a. C.

Sua narrativa segundo Aristóteles está organizada em subdivisões denominada cantos, representativos dos grandes feitos heroicos. “[...] Homero, por exemplo, imitava seres superiores” (ARISTÓTELES, 2014, p. 19). A epopeia está representada por ações, feitos gloriosos de reis e deuses inseridos no mesmo mundo. Homero imitou homens, mas não foi qualquer espécie de homens, narrou homens superiores, que na maioria das vezes estavam inseridos em planos elevados. O herói clássico grego é uma referência para a exaltação desses homens ilustres representados por Homero em suas epopeias.

As epopeias homéricas remontam a uma época onde as civilizações não tinham uma estrutura de escrita definida, e a palavra oral, de líderes patriarcais, é que prevalecia. Dessa forma, o meio cultural dos gregos se deu num processo de privilégios da aristocracia. Os textos de Homero têm suscitado questionamentos ao longo dos séculos, a começar pela definição de clássico. De acordo com Mafra (2010, p. 16), “Nos primitivos tempos de Roma, o termo clássico designava a primeira das cinco partes em que se dividia a população da cidade”. A questão da hierarquia é visível, quando nos reportamos a partes mais prestigiadas e outras menos favorecidas, nas quais se divide a sociedade. Em outras palavras, os significados de clássico referem-se às partes hierárquicas, onde estão inseridas pessoas de níveis elevados.

A poesia de Homero estava ligada a uma tradição oral que se perpetuou por anos na cultura das civilizações. A facilidade e o interesse de contar histórias vêm de uma tradição antiga. Na cultura ocidental surgiram vários contadores de narrativas que realizaram através da palavra, o *epos*:

O *épos* era a narrativa dos feitos heroicos de um povo e tinha como personagens deuses e heróis; o *logos*, ou a fábula, eram as mesmas ações humanas apresentadas alegoricamente por animais ou outros seres não humanos. O *épos* deu origem às grandes epopeias, como a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero, e forneceu matéria para as magníficas representações do teatro, [...] (MAFRA, 2010, p. 54-55).

A maior parte das epopeias narra ações voltadas para os feitos gloriosos de um povo. Todos os povos tiveram as suas narrativas e as propagações de formas variadas. Contar histórias é uma atividade ligada à espécie humana. Essas narrativas antigas expõem uma

característica em comum, apresentam um herói em seus grandes feitos. Segundo Aristóteles (2014, p. 22), “Homero, assim como foi autor de poemas nobres, pois só ele compôs obras, que, sobre serem excelentes, são apresentação de ações [...]”. Supõe-se que tanto a *Ilíada* quanto a *Odisseia* tenham se originado a partir do enaltecimento dos grandes feitos heroicos de um povo. As ações épicas caracterizam-se, também, pelas interferências dos mitos, onde deuses são apresentados ao lado de homens como seres reais que podem ajudar ou prejudicar ao herói.

Outro aspecto importante nas epopeias clássicas é a marcação do herói e seu enaltecimento a partir da sua origem divina. Dessa forma os poemas épicos surgem com o fito de enaltecer e divulgar uma identidade pátria referente a um povo cuja organização social não estava ainda bem definida. Aristóteles (2014, p. 46), assim conceitua: a epopeia, “deve ter as mesmas espécies que a tragédia, simples, complexa, de caráter ou patética. Seus componentes, fora a melopeia e o espetáculo, são os mesmos [...], e a linguagem precisa ser excelente”. Por esses motivos, a *Ilíada* e a *Odisseia* são consideradas poemas épicos que narram a história de guerreiros num mundo belicoso.

A *Ilíada* é um poema que relata partes finais da guerra de Troia. Estão inseridas na epopeia atitudes heroicas e os sofrimentos desencadeados por ações de seres superiores. Conforme Carpeaux (2012, p. 40), “a *Ilíada* está cheia de ruídos de batalhas e lutas pessoais, onde aparecem deuses e heróis em campos de batalhas”. Homero não narrou a guerra de Troia por completo, preferiu centralizar a ação em torno de um único tema, a ira de Aquiles.

A representação tomada pelas duas obras homéricas é de grande relevância, a *Ilíada* e a *Odisseia* trazem a essência de uma cultura grega que inspirou e continua inspirando autores ao longo dos tempos, a partir das epopeias homéricas, diversos autores construíram suas obras e se destacaram na literatura Ocidental. Segundo Mafra (2010, p. 102), afirma “As origens da literatura latina são conhecidas, porque sabemos que ela é proveniente da grega”. É clara a influência da literatura grega na criação literária da cultura ocidental. Sendo assim, diversos autores latinos, tomaram como referência, significativa, uma produção literária aos moldes dos gregos. De acordo com Mafra (2010, p. 106), “Homero narra a batalha entre deuses e homens que tomam as rédeas da narrativa”. Assim heróis e deuses fazem parte de um cenário conflitante. Ao mesmo tempo, porém, Homero parece que quer cobrir a totalidade da guerra, fazendo referências aos tempos passados e futuros.

A narrativa da *Ilíada* gira em torno dos aristocráticos heróis, buscando atingir seus ideais, independentemente da vontade da tropa guerreira. Dotados de vontades enfrentam seus

inimigos acima de tudo e de todos. Como afirma Carpeaux (2012, p. 41), “O fim de Troia não é o ponto central do poema”. Mas apresentar guerreiros furiosos quando diminuído nos seus interesses. A batalha começa a ser narrada por Homero, como uma arena de conflitos, onde os guerreiros obtêm a glória, sendo seus únicos objetivos a serem alcançados. O enaltecimento e a representação dos guerreiros ocorrem no campo de batalha, dotados de forças descomunais, pretendem atingir os seus próprios ideais.

A batalha é narrada como sendo um feito onde os homens adquirem a glória, e o principal objetivo é a vitória, para se adquirir prestígio e riqueza. Os heróis são os próprios seres humanos complexos e caracterizados, enriquecidos de ornamentos e dotados de força e respeito. São muitos os personagens apresentados por Homero, mas o autor da *Ilíada* escolhe entre uns poucos para representar a classe dos heróis. Para um melhor esclarecimento, afirma Mafra (2010, p. 46), “De um lado, os guerreiros, chefes valentes símiles, semelhantes a um deus [...]”. Assim vai-se constituindo toda a narrativa, a partir das ações humanas e no enaltecimento de homens representando verdadeiros heróis. Neste contexto épico vão surgindo a força e a destreza entre os guerreiros que por sua vez são caracterizados como sendo homens fortes em busca da honradez.

As narrativas homéricas estão estruturadas em cantos, e com a *Ilíada* não seria diferente. Como bem observou Aristóteles, Homero decidiu não narrar a guerra de Troia ano a ano, preferindo centrar a ação de seu épico em torno de um único tema: o ódio de Aquiles, enunciado nos primeiros versos do poema, que ocasionou muito sofrimento a sua gente, e por fim, a ele próprio. Conseqüentemente, a *Ilíada* se distingue por uma rigorosa economia de ação. A narrativa gira em torno dos aristocráticos heróis, pois a massificação dos soldados é um assunto a parte. Dentre os heróis mencionados, houve por parte de Homero uma seleção dos mais representativos. Segundo Carpeaux (2012, p. 40), “A *Ilíada* está cheia de batalhas e de lutas pessoais”. O enredo gira em torno dos aristocráticos heróis em combate. A luta travada contra os troianos.

A ação humana dos soldados ocorre no interior ou nas proximidades do acampamento dos gregos, na praia em Ílion ou no campo de batalha, ao passo que a ação divina se desenrola no monte Olimpo. De acordo com Carpeaux (2012, p. 41), “a *Ilíada* é um poema grego; a maior parte dos acontecimentos narrados passa-se entre os gregos, e o ponto de vista do poeta parece o grego, contra os troianos assediados”. Desta forma a *Ilíada* é narrada para enaltecimento dos povos gregos e apresentar, de forma grandiosa, os feitos de seus heróis.

Os dois exércitos que lutam em cenários diferentes, desejam o fim da guerra e querem viver em paz com suas famílias, ainda que os gregos, sendo os agressores imbuídos de uma missão, pareçam mais ferozes que os troianos, que defendem seu lar e estão mais preocupados com a vida do que com o combate. Como afirma D’Onofrio (1997, p. 28), “A *Ilíada* é formada pela rapsódia dos cantos que tratavam da briga de Aquiles e Agamemnon, de batalhas entre gregos e troianos”. Ao mesmo tempo em que a narrativa apresenta a organização dos soldados gregos, narra também, os acontecimentos dentro das muralhas troianas. Homero dá a impressão de cobrir a totalidade da guerra, até mesmo os períodos anteriores a ela.

Ao longo da *Ilíada*, e totalmente fora do âmbito cronológico da história, somos informados de que a deusa Tétis se casou com o mortal Peleu, gerando Aquiles. Homero desenha um bonito quadro do bebê Aquiles, fala de sua educação e conta como seu amigo íntimo Pátroclo passou a morar em sua casa. Além disso, conta que foi escolha de Páris, o belo filho de Príamo, que Afrodite ganhou o pomo de ouro, nesta descrição Homero não menciona a fruta, e teve por recompensa a mulher mais linda do mundo, Helena, esposa de Menelau, rei de Esparta na Grécia. Segundo D’Onofrio (1997, p. 28), “Mas, dentro destas histórias encaixantes, existem as narrações de outras histórias encaixadas, talvez objetos de cantos épicos antigamente separados”. Assim, os cantos vão se construindo e condensando um universo povoado por ações de homens que desejam a glória.

Ao visitar Esparta, Páris transgrediu todas as normas de hospitalidade e, seduzindo Helena, levou-a consigo para Ílion, ação que contrariou o seu irmão Heitor, o maior guerreiro de Troia. Menelau, por sua vez, recorreu ao rei Agamemnon, e juntos eles organizaram uma expedição para resgatar Helena. A expedição partiu com presságios favoráveis. A embarcação ao ancorar em Troia, Protesilau, um dos soldados gregos, foi o primeiro combatente a ser morto pelos ataques troianos. Em meio às negociações, tanto os gregos, como os troianos foram repelidos sem sucesso de pacificação. Como afirma Carpeaux (2012, p. 41), “O fim de Troia não é absolutamente o assunto do poema”. Homero não conta a totalidade da guerra, mas uma parte dela. A batalha descrita por Homero foi utilizada como um pretexto para descrever homens ilustres, detentores da força, com a intenção de obter a glória.

1.1 HOMERO

Conforme alguns historiadores, do autor da *Ilíada*, quase nada sabem. Ao contrário do que acontece com suas narrativas, é aceitável que Homero tenha residido na região da Jônia, localizada no Egeu Oriental, e que sua verdadeira identidade continua uma incógnita. De acordo com Carpeaux (2012, p. 30), “A maior parte dessas epopeias e poemas estava ligada, de qualquer maneira, ao nome de um poeta lendário; nome que se encontra até hoje nas folhas de rosto das nossas edições, [...] o nome de Homero”. O poeta Homero transformou-se em uma voz enrijecida, capaz de perdurar ao longo dos anos, e reforçar a ideia da existência, redimindo a “Questão homérica”. “As duas obras, de mais notável valor para a cultura Ocidental eram estudadas nas escolas como verdadeiros livros didáticos” (CARPOEAUX, 2012, p. 31). A *Ilíada* e a *Odisseia* são poemas épicos que foram cantados por Homero, um dos mais ilustres rapsodos dos feitos gloriosos de um povo.

A representação tomada pelas duas obras homéricas é de grande relevância, a *Ilíada* e a *Odisseia* trazem a essência de uma cultura grega que inspira e continua inspirando autores ao longo dos tempos. Mafra (2010, p. 106), afirma que “A literatura grega começa com as duas grandes epopeias de Homero, a *Ilíada* e a *Odisseia*, que, como produtos finais, são a cristalização de cantos [...]”. Enquanto a *Odisseia* narra o retorno de Ulisses para sua cidade natal Ítaca. A *Ilíada* descreve um mundo mais arcaico, onde os poderes aristocráticos predominam. Homero não conta toda a história da Guerra de Troia, ele parte da derrubada final da cidadela troiana.

Não se sabe, ao certo, quando as obras homéricas foram escritas, ou qual obra, se a *Ilíada* ou a *Odisseia* veio primeira. A autoria desses poemas foi atribuída a Homero. Segundo D’Onofrio (1997, p. 27), “Os dois poemas épicos da Grécia Antiga, compostos ao redor do século VIII a. C., foram atribuídos pela tradição clássica a Homero”. Contudo estudos mostraram que Homero seria um homem cego que perambulava pelas regiões cantando e encantando os grandes feitos dos deuses e dos heróis. Esses poemas, de cunho narrativo, perpetuaram de geração em geração pela oralidade. O que teria levado Homero a registrá-los na memória e propagado as civilizações por onde passava.

Conforme Salvatore de D’Onofrio (1997), este poeta é caracterizado por uma identidade questionável, mas que teve fortes influências no mundo grego; assim:

Maiores do que a dúvida sobre a identidade histórica de Homero é o problema da autoria de a *Ilíada* e de a *Odisseia* a um único poeta. [...] Os dois poemas atribuídos a Homero não são se não coletâneas de vários cantos heroicos, de origem anônima e popular transmitidos oralmente de geração e redigidos pela sociedade dos “Homeristas”, fundada por Pisístratos de Atenas. O argumento básico era que a escritura não era conhecida na Grécia antes do século VI a. C. A esta tese se opõe, no começo do nosso século, o pensamento dos críticos positivistas que, fundamentados em descobrimentos arqueológicos, demonstraram a existência da escrita na Grécia e na Ásia Menor, antes do século X a. C., atribuindo a autoria de A *Ilíada* e A *Odisseia* a um único poeta, Homero (D’ONOFRIO, 1997, p. 28).

As fontes histórias de sua existência ou não são as suas obras. Homero não sabia escrever, e os poemas eram excessivamente longos para a recitação oral. A existência do autor da *Ilíada* e da *Odisseia* intrigou estudiosos de diversas partes do mundo e continua mexendo com o imaginário da humanidade. O certo é que ficaremos com as produções de Homero que exerceu forte influência na cultura grega.

As incertezas acerca do criador das habilidades dos deuses em relação aos heróis continuam sendo objeto de discussões. Contudo, através de estudos recentes comprovam que a figura enigmática de Homero seria a de um homem cego. Segundo Carpeaux (2012, p. 38), “O nome de Homero tornou-se sinônimo de poeta”. Mesmo que não tenha existido, Homero faz parte de uma cultura ocidental enraizada, pois poetas de diversas regiões do mundo tiveram o prazer de imitá-lo.

2.2 VALORES ARISTOCRÁTICOS CONTADOS PELA EPOPEIA HOMÉRICA

Os poemas homéricos são caracterizados por uma excelência na arte do guerrear, na qual heróis e reis combatem em busca do fazer prevalecer ideais aristocráticos norteadores da honra e da virtude. Os heróis homéricos têm a habilidade de lutar e buscam atingir a glória perante o seu povo. O nobre é descendente do herói grego. Pois exerciam funções e níveis elevados perante os demais povos. O nobre tinha que ser observado como algo acima de todas as classes e deveria ser seguido pelos seus modos e comportamentos como sinônimo de beleza e perfeição. As atitudes dos nobres sempre estavam voltadas para fazerem o bem, e visava alcançar o enaltecimento diante de seus observadores, assim a aristocracia vai surgindo com base na nos atos de heroísmo. De acordo com Wagner Jaeger:

É fato fundamental da história da formação que toda a cultura superior surge da diferenciação das classes sociais, que por sua vez se origina da diferença natural de valor espiritual e corporal dos indivíduos. Mesmo onde a diferença de formação conduz à constituição de castas rígidas, o princípio da herança que nelas domina é corrigido e compensado pela ascensão de novas forças procedentes do povo. E ainda, quando uma brusca mudança arruína

ou destrói as classes dominantes, forma-se rapidamente, pela própria natureza das coisas, uma classe dirigente que se constitui em nova aristocracia (W. JAEGER, 2013, p. 22).

Todo nobre deseja alcançar status e fama perante a sociedade na qual está inserido. Pretendendo, assim enaltecer a sua importância social, mostra os valores que nem todos possuem, e desta forma se hierarquizam, assumindo planos elevados diante da maioria. No ideal da nobreza, a batalha e a vitória são autênticas demonstrações da virtude humana. A *Ilíada* narra sobre um mundo situado em um tempo, em que os verdadeiros ideais eram o espírito heroico. Sendo que os verdadeiros heróis incorporavam esse espírito, representando uma classe enaltificada. A aristocracia guerreira desempenha uma função peculiar essencial de acordo com a sua supremacia militar. Assim o ideal de nobreza é corporificado no território de combate, onde suas forças são demonstradas. Segundo W. Jaeger (2013, p. 23), “o tema essencial da história da formação grega é antes o conceito de *areté*, que remonta aos tempos mais antigos. Não temos na língua portuguesa um equivalente exato para esse termo; mas a palavra “virtude” [...]”. O sentido da palavra virtude não condiz puramente com o significado de *areté* para os antigos gregos como afirma Jaeger, mas aproxima-se. Para os gregos o *areté* compreendia uma força, uma coragem intrínseca aos povos. Quando caracterizado, o homem comum não possui o *areté*. Assim os antigos gregos avaliavam a destreza, a força e o alicerce de qualquer posição dominante. Sendo assim, podemos perceber que a nobreza e *areté* podem ser consideradas inseparáveis.

O termo grego que caracteriza a aristocracia pode ser entendido com o mesmo sentido de *areté*. A *areté* é representada pela força e coragem exercidas pelos guerreiros, principalmente ressaltados nos seus atos heroicos, a partir de uma junção da ação moral e da força unidas, inseparáveis. Assim, como afirma W. Jaeger (2013), os gregos na maioria das vezes incorporaram a destreza e a força como principais características da posição dominante. Como afirma Jaeger (2013, p. 26), “o código da nobreza cavaleiresca tem assim uma dupla influência na educação grega”. A nobreza é a representante dessa moral que exerce forte influência na formação dos povos gregos. Nas narrativas homéricas, principalmente na *Ilíada*, os feitos gloriosos, partem dos heróis representantes dessa nobreza. A força e a coragem residem nos guerreiros que anseiam atingir o ideal pretendido.

A *areté* ressaltada na *Ilíada* marca um sentido de força e coragem, sendo um ideal ético vivido pela aristocracia. Jaeger (2013) afirma que a *areté* é vista como um dos principais atributos constitutivos da classe nobre. Sendo assim, o que foge dos atributos da nobreza é excluído ou não pode participar dela. A grandiosidade da nobreza fundamenta-se numa

suceder hereditário, e essas virtudes são incorporadas pela predominância das conquistas alcançadas. Jaeger ainda afirma que essa grandiosidade da nobreza é característica de um grupo que busca atingir um reconhecimento acima de todas as coisas.

No ideológico nobre, presente na *Ilíada*, a luta e a vitória são características, advindas da virtude humana, em que apenas os mais nobres, descendentes de uma linhagem, conseguem atingir. Segundo Jaeger (2013, p. 24), “Os gregos sempre consideravam a destreza e a força incomuns como base indiscutível de qualquer posição dominante”. Não representando apenas o ideário físico ou a superação do adversário, mas a demonstração da *areté* conquistada pelo guerreiro como condição natural.

Os heróis dedicavam as suas vidas em defesa dos ideais aristocráticos. Em disputas entravam em combate para disputarem os primeiros lugares, mesmo que a luta custasse a sua própria vida, enfrentavam para adquirirem a glória. O principal representante desse herói que buscava o enaltecimento, pagando o status com a vida foi Aquiles. A história da *Ilíada* gira em torno dos aristocratas e não da massa de soldados. São muitos os heróis mencionados, mas Homero escolhe uns vinte personagens de ambos os lados nos quais vai se concentrar. Como afirma Jaeger (2013, p. 22), “O testemunho mais remoto da antiga cultura aristocrática helênica é Homero [...]”. Esse trecho exemplifica um conceito do que é a aristocracia, presente nas obras homéricas, a definição de uma verdadeira classe pautada em valores, representando o ideal da nobreza.

A caracterização da *areté* nas obras homéricas está estreitamente ligada à honra. Os guerreiros desejam obter para assegurarem seus próprios valores, a sua *areté*. Assim buscam serem respeitados por pessoas que fazem parte do seu convívio, pela comunidade da qual fazem parte. Eles são considerados como representantes de suas classes e desejam atingir a *areté* por meio de combates. Para o universo da nobreza apresentado por Homero, negar essa honra, representava negar toda uma classe aristocratizada. A vontade de atingir os mais elevados padrões e ser o herói biológico por natureza dessa classe elevada atribuía a ele a condição de não mais olhar para trás, de atingir o seu mais alto valor.

2. O HERÓI ÉPICO E O ANTI-HERÓI

A literatura grega possui uma variedade acerca das produções e obras deixadas pelos gregos ao longo dos séculos. Foram os primeiros povos da cultura ocidental a deixarem relatos próprios das suas existências e habilidades vividas. O sumário da literatura grega continua influenciando os povos de outras culturas e civilizações diferentes. Mesmo em lugares distantes essas obras se fazem presentes. As epopeias clássicas, a *Ilíada* e a *Odisseia* e os poemas cantados nelas, estão ligados à figura lendária de Homero. Ao longo dos tempos, esse nome tornou-se sinônimo de poeta. Homero cantava os feitos gloriosos dos heróis, ora ajudados pelos deuses, ora impedidos de seguirem. Como já fora explicitado, a narrativa da *Ilíada* gira em torno dos aristocráticos heróis que buscavam a derrubada de Ílion e o enaltecimento da honra. Segundo Aristóteles (2014, p. 22), “Homero, assim como foi autor de poemas nobres – pois só ele compôs obras, que, sobre serem excelentes, são representações de ações [...]”. Desta forma mostrou, melhor do que ninguém o universo dos nobres enaltificado. Aristóteles ainda afirma que Homero imitava homens superiores, acima daqueles desconsiderados como nobres.

Nota-se desta forma uma clara distinção de hierarquia, a classe dominante e a classe dos dominados. Homero caracteriza o herói o poder de desafiar os próprios deuses e os homens, seguros de suas vontades e decisões, como destaca Jaeger no quesito da força dos guerreiros:

Homero entende por *areté* as qualidades morais ou espirituais. Em geral, de acordo com a modalidade do pensamento dos tempos primitivos, designa por *areté* a força e a destreza dos guerreiros ou lutadores e, acima de tudo, heroísmo, considerado não no sentido de ação moral e separada da força, mas sim intimamente ligado a ela. [...] (W. JAEGER, 2011, p. 25).

Entende-se que o herói possua qualidades, e tradicionalmente os seus feitos gloriosos representem um modelo coletivo, não centrado em uma individualidade. Na caracterização do herói, especialmente o herói principal, este não será dotado apenas de bravura, mas de outros atributos. O herói é o indivíduo que se destaca por suas características quase divinas e por seus feitos notáveis durante o seu percurso de existência. A verdade é que todos os povos construíram as imagens de seus heróis de acordo com suas especificidades de civilização. Desta forma, buscavam atingir os seus limites e superação das suas limitações baseados na força e na honra.

A palavra herói vem de origem grega, *heros* que significa nobres, semideuses. Segundo Brandão (2000, p. 15), “herói seria o “guardião”, o defensor, o que nasceu para servir”. Proveniente do meio aristocrático, o herói clássico grego aparece nas narrativas homéricas como um deus, defendendo os seus ideais e do seu povo. O herói não é apresentado, de início, concluso, mas algo que ainda está por ser modificado. Há um caminho a ser percorrido para que o herói seja reconhecido como um ser da mais alta classe.

O herói não é classificado, simplesmente, como um membro do povo, ele é diferenciado por certas peculiaridades próprias, constituindo um modelo de honra e bravura a ser seguido pelos demais. Como afirma Kothe (1987, p. 12), “Os heróis clássicos são heróis da classe alta, que procuram demonstrar a “classe” dessa classe”. Passando por provações, submetendo-se às mais variadas privações, o herói busca representar a sua classe e o reconhecimento dela. A persistência, a coragem são atributos que devem, não apenas tê-los, mas exercê-los diante da sociedade. Dessa forma, os atos de heroísmos tem um objetivo moral: representar o seu povo, atribuindo-lhes status.

A partir desse momento, o herói atinge um grau de consciência moral, é visto com valores elevados a partir das suas ações. Mesmo que o herói vivencie dificuldades em seu percurso conquistado, deve ultrapassá-las e receber a glória. De acordo com D’Onofrio (1997, p. 55), “para superar as dificuldades e os perigos inerentes a uma longa viagem por frágeis embarcações e num mundo estranho, exige-se do herói uma qualificação específica: ele deve ser sábio, inteligente, astuto, prudente”. Para que haja um maior reconhecimento, não apenas das suas forças, mas precisa incorporar a sua sombra uma personalidade para obter o bem de todos. A partir dessas características o herói tende a evoluir através de seus outros companheiros.

O herói clássico se sacrifica em nome de todos. Muitas vezes fica diante da morte, e não teme. Como afirma Kothe (1997, p. 15), “o herói épico é o sonho de o homem fazer a sua própria história”. Assim será visto como exemplo de superação, pois o público se identificará com as características desse herói. Os heróis mitológicos só conseguem vencer seus desafios fazendo parte da sua própria história, deparando-se com os sentimentos mais profundos, encontrados em sua personalidade.

O herói clássico foi canonizado pela literatura e todas as suas características estavam ligadas aos seres da classe nobre, sua participação em obras literárias foi apresentada por

diversas vezes. Essa figura metade deus e metade humana, que veio da nobreza, como representante de um todo, não era mais significativa nas narrativas que surgiam. Em novas épocas, olhares diferentes começaram a surgir, e o herói clássico passou a ocupar espaço com outra figura, até então desconhecida naquele momento, o anti-herói.

A figura do herói não muda, quando visto nas epopeias, mas passou por um processo de análise, que refletiu na história a mudança de foco narrativo. O herói na Idade Média começa a ser apresentado diferentemente dos clássicos, e assume características que não mais são comuns nos típicos heróis homéricos. As novelas de cavalaria trazem uma nova estrutura de heróis que veem das canções de gestas. Estas são longas narrativas em prosa, onde ressalta a figura de um cavaleiro, dotado de força e coragem em busca de realizar ideais cristãos. Em comparação aos heróis clássicos, essa figura do cavaleiro diferencia-se em pontos principais e possui um caráter individualista, diferente dos típicos heróis de Homero.

A figura do herói é vista como um ser emissário da sociedade de que faz parte, como representante de todos os ideais e crenças dessa coletividade. Com base nessas considerações Jaeger nos apresenta este conceito:

[...] o homem homérico só adquire consciência do seu valor pelo reconhecimento da sociedade a que pertence. Ele é um produto da sua classe e mede a *araté* própria pelo prestígio que disputou entre os seus semelhantes. O homem filosófico dos tempos seguintes pode prescindir do reconhecimento externo, embora – também segundo Aristóteles – não lhe possa ser totalmente indiferente. Para Homero e para o mundo da nobreza desse tempo, a negação da honra era, em contrapartida, a maior das tragédias humanas [...] (W.JAEGER, 2013, p.29).

O herói clássico e sua imagem vêm sendo desconstruídos, as suas virtudes passam a ter um sentido mais pessoal. Assim nasce outro tipo de herói que busca valores, diante de uma sociedade que é corrompida pelo seu meio. O típico herói clássico está inserido numa sociedade e cabe a ele representá-la, pois ele é um produto da própria classe, apesar da possibilidade de identificarmos, na *Ilíada*, mudanças constitutivas dos heróis. Como afirma Jaeger (2013), a negação de valores aristocratizados, acarretaria punições drásticas. Essa figura contrária aos atos de heroísmo já pode ser vista como um prenúncio dos típicos heróis românticos.

Deste modo, vemos na modernidade uma subversão de valores heroicos tradicionais. O herói clássico é substituído por outra figura, um herói que vive os seus dramas cotidianamente e luta para superá-los, independentemente da ajuda de deuses. Os obstáculos

que atravessam o seu caminho não são extraordinários. A natureza, o próprio círculo das grandes cidades faz com que esse herói viva em um mundo real. Segundo Mikhail Bakhtin (1998, p. 136), “[...] geralmente o herói age no romance tanto quanto na narrativa épica. A diferença deste do herói épico consiste em que ele não apenas age, mas também fala, e sua ação não tem uma significação geral e indiscutível e significativa para todos”. Assim, a sua representatividade literária não reflete aspectos elitistas, como o herói épico representava para a aristocracia.

Então, podemos perceber que a transformação do herói clássico na literatura e seu afastamento das formas perfeitas faz surgir outro tipo de herói, distante das figuras míticas, o anti-herói. Assim, este anti-herói aproxima-se da vivência e dimensão humana, o que não significa que seja um personagem imperfeito, mas que é necessário para a construção da figura heroica. Segundo Kothe (1987, p. 16), “[...] o anti-herói só deixa de ser herói por ele não se enquadrar no esquema de valores subjacentes ao ponto de vista do narrativo”. A construção desses anti-heróis é provida de valores subvertidos, e nos chamam a atenção por suas características diferentes da imagem do ideal.

Esta postura apresentada do anti-herói, muitas vezes, serve para confrontar um ideal aristocratizado, e esses personagens diminuídos, são ridicularizados em meio à classe elevada. O significado da palavra anti-herói, etimologicamente, vem do grego anti que significa oposição e (*héros*) que, segundo Brandão (2000, p. 15), “[...] seria o “guardião”, o defensor, o que nasceu para servir”. Nesta apresentação o anti-herói surge como o contrário, aquele que não guarda, não defende e que, possivelmente, não nasceu para servir. Sendo assim, este tipo de personagem nasce paralelamente, construindo a imagem do herói como sua oposição.

O anti-herói é visto claramente no eixo estrutural da narrativa de um texto ficcional como aquele de posição ideológica contrária aos demais. De acordo com Bakhtin (1998, p. 136), “a posição ideológica do herói épico é significativa para todo o mundo épico; ele não tem uma ideologia particular [...]”. Por isso, o anti-herói é visto de forma contrária à luz dos heróis clássicos que são modelos ideais. É necessário entendermos a presença dos anti-heróis nas narrativas e a construção do seu universo. Poderá a imagem de esse indivíduo ser ignorada, ou até mesmo deixada de lado? O significado da palavra anti-herói, já traz em si, uma diminuição de valores, que pode ser questionada diante das circunstâncias vividas.

A importância de compreendermos os modos anti-heróicos faz-se necessária para os confrontarmos com os heróis clássicos. Essa contraposição aos modelos tradicionais dos heróis épicos surge dúvidas acerca dos valores julgados inabaláveis. Bakhtin (1998, p. 137),

afirma: “a ação do herói do romance é sempre sublinhada pela sua ideologia: ele vive e age em seu próprio mundo ideológico (não apenas num mundo épico), ele tem sua própria concepção do mundo, personificado em sua ação e em sua palavra”. Assim, o anti-herói surge como um questionador, do seu mundo, da sua volta, e o seu posicionamento no meio circundante são contrárias aos interesses dominantes pela sua posição ideológica.

Portanto, em princípio, é na modernidade que surge uma mudança nos romances na perspectiva da condição dos valores heroicos. Segundo Bakhtin (1998, p. 135), “O sujeito que fala no romance é um homem essencialmente social, historicamente concreto e definido e seu discurso é uma linguagem social”. Nesta perspectiva, a posição do herói moderno é diferente do posicionamento do herói antigo, já que este defende um ideal coletivo.

O herói da epopeia é substituído pelo herói problemático nos romances da modernidade. Muitas vezes, esses heróis problemáticos são pessoas com honra, cansadas das injustiças e exclusões da sociedade, mas que são essenciais para a própria construção da narrativa. Esses anti-heróis são vistos como seres parasitários, rompendo com o próprio sistema e a sua esperteza é reconhecida de forma negativa perante a sociedade. De acordo Carlos Reis e Ana Cristina Lopes:

De modo geral, pode-se dizer que a posição ocupada pelo *anti-herói* na estrutura da narrativa é, do ponto de vista funcional, idêntica à que é própria do *herói*: tal como este, o *anti-herói* cumpre um papel de protagonista e polariza em torno das suas *ações* as restantes *personagens*, os *espaços* em que se move e o *tempo* em que vive (REIS E LOPES, 1988, p. 192).

Há, portanto, a clara evidência da importância do anti-herói ao lado do herói. Delineado em seu mundo e fazendo parte dele. São personagens que possuem medo e clamam por vingança, não sentem a necessidade de serem guiados por um sistema, que na maioria das vezes não é o certo. O anti-herói por ser o oposto do herói, não busca o enaltecimento, o reconhecimento da sociedade, mas busca viver a razão. Assim, a figura do anti-herói vai se construindo como protagonista. Essa diferenciação entre o herói épico e o anti-herói só se tornou possível com os adventos da modernidade e a própria evolução da narrativa.

Essas características definidoras estão ligadas às concepções estéticas criadas a partir de um progresso de diferenciação entre herói e anti-herói. De acordo com Reis e Lopes (1988, p. 192), “Foi, sobretudo a literatura pós-romântica que consagrou a figura do anti-herói como polo de atração e veículo de representação dos temas e problemas do seu tempo”. Conclui-se por tanto, que na visão moderna, a negação do anti-herói pode ser entendida como um apagamento dos conflitos do homem no meio social, vivido e sentido por ele.

2.1 A ORIGEM MÍTICA DO HERÓI ÉPICO: TRAÇOS INDIVIDUAIS E ARISTOCRÁTICOS, A HONRA E AS AÇÕES ELEVADAS.

No mundo grego, o herói clássico é apresentado como um arquétipo a ser seguido pelos demais. Este ultrapassa todos os obstáculos, mesmo que haja as interferências dos deuses em seu percurso, ele consegue superar seus obstáculos e vencer os desafios, mesmo lhe custando a própria vida. Exemplo típico desse herói que entra em combate, sabendo sobre o seu fim é Aquiles. Como afirma Brandão (2000, p. 15), “A etimologia, a origem e a estrutura ontológica de herói ainda não estão muito claras. Talvez se possa falar com certa desenvoltura de “suas funções” [...]”. Sendo assim, definir o herói pelo que ele é não é algo simples, mas podemos caracterizá-lo de acordo com as suas ações, desenvolvidas no percurso a ser atingido na Grécia Antiga.

Proveniente do meio aristocrático, o herói épico tem características de um rei, assim como Ulisses, que é filho de um deus com uma mortal. Ele não nasce pronto, acabado, mas a sua descendência auxilia na construção do seu mundo. Segundo Brandão (2000, p. 15), “os heróis desfrutam de um prestígio religioso considerável”. Esses heróis são vistos pelos parceiros como arquétipo exemplar a ser seguido. Odisseu é caracterizado como um mortal, mas não como um homem comum. A sua força, teimosia e astúcia fizeram com que se diferenciasse dos demais, saindo da trivialidade.

Todas as sociedades gregas buscaram destacar indivíduos que tivessem características quase divinas. Através dos feitos notáveis heróis foram apresentados em culturas primitivas como seres dotados de grandes valores e representantes do seu povo. Neste contexto, o homem sempre buscou preencher as suas limitações, de maneira que pudesse superá-las. Mas em torno desses heróis giram uma polêmica, quanto ao seu surgimento. De acordo com Brandão (2000, p. 17), “A polêmica em torno da origem divina ou humana do herói se apoiava particularmente nos dois tipos de sacrifícios, que eram oferecidos aos deuses e heróis”. Assim, havia uma adoração entre os humanos a seus representantes, pois as oferendas eram diferenciadas, tanto para os deuses quanto para os heróis.

Neste contexto, o herói se projeta de maneira ambígua: de um lado representa a condição humana, ética e moral, do outro um ser divino dotado de virtudes e valores que o homem comum não possui. A partir do nascimento do herói podemos constatar as suas dificuldades para vir ao mundo. Como afirma Brandão (2000, p. 22), “Via de regra, os heróis

têm um nascimento complicado, como Perseu, Teseu, Herácles e muitíssimos outros. Descendem de um deus com uma simples mortal [...]”. O nascimento do herói é construído de acordo com o mito. Sendo assim, podemos entender que o herói clássico é um indivíduo notabilizado pelo grau de parentesco que possui com os deuses e por seus feitos gloriosos.

Assim os mitos gregos propagaram-se no Ocidente, e se perpetuaram pela memória coletiva, passando de geração em geração até a escrita. A concepção do herói nasce a partir de narrativas gregas, que dão origens a seres quase divinos da mitologia. Por isso, Brandão afirma:

De qualquer forma, exatamente por ser um herói, a criança já vem ao mundo com duas “virtudes” inerentes à sua condição e natureza: a (timé), a “honorabilidade pessoal” e a (areté), a “excelência”, a superioridade em relação aos outros mortais [...]. Dado importante, para que o herói inicie seu itinerário de conquistas e vitórias, é a “educação” que o mesmo recebe o que significa que o futuro bem feitor da humanidade vai desprender-se das garras paternas e ausentar-se do lar, por um período mais ou menos longo, em busca de sua “formação iniciática” (BRANDÃO, 2000, p. 23).

A definição de herói está relacionada com a sua origem, o herói já nasce com virtudes, mas é necessário um passeio nas estirpes desses heróis, para tentarmos entender a sua magnífica trajetória, desde o nascimento até as suas conquistas. Para analisar a figura mítica do herói é imprescindível buscar nas profundidades e mergulharmos no âmago de sua criação partindo da educação que ele recebe. O mito grego está associado a um conjunto de lendas das entidades divinas, a partir dos deuses. Segundo Eliade (2011, p. 8), “o mito conta uma história sagrada, ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio” [...], os personagens dos mitos são Entes Sobrenaturais”. A princípio, pode-se dizer que esses heróis, caracterizados como sobrenaturais, já possuem um diferencial entre os demais, e a sua formação educacional é meio influenciador para a sua condição de herói.

A classe dos heróis desde a sua origem esteve ligada ao mito, e conseqüentemente ao divino, relacionando a força e a virtude aos seus feitos. Desta forma, o mundo dos deuses é inserido num mundo arcaico transferido ao humano, que, por sua vez, será dotado de força e poder, auferido. Cabe ressaltar que foi Hesíodo no século VIII a. C., na *Teogonia*, que primeiro registrou a presença dos deuses em contraste com o dos heróis, mesmo estes se aproximando em semelhanças daqueles. Assim, toda a mitologia grega envolve a presença dos deuses e heróis. Os deuses, por sua vez, possuíam características humanas e eram dotados

de poderes, sendo caracterizados por suas qualidades e defeitos. Já os heróis possuíam características divinas, dotados de poderes especiais, mas não tinham a imortalidade.

Na mitologia grega há momentos em que os deuses são separados dos heróis. Todas as ações, vivenciadas na esfera terrena, serão realizadas pelos heróis e não mais pelos deuses desde as suas criações. Desse modo, os heróis são figuras representativas da evolução humana. Por conseguinte, os deuses, em segundo plano, influenciam com a ajuda, ora auxiliando, ora interferindo. De acordo com Kothe (1987, p. 16), “nenhum herói é épico por aquilo que faz; ele só se torna épico pelo modo de ser apresentado aquilo que faz”. Há um aspecto típico nas suas ações, caracterizando-o pelos seus feitos grandiosos, por aquilo que é feito e a sua participação na ação desenvolvida.

O herói passa a assumir uma responsabilidade que não é mais comum a nenhum mortal. Sua origem está assentada na vivência do dia a dia, mas a partir de uma projeção mítica e lendária, que envolve a sua imagem. De acordo com Brandão (2000, p. 28), “Os heróis são igualmente associados aos mistérios [...]”. Por isso a sua imagem e seus feitos estão relacionados às divindades e a sua existência caracterizada por uma infância misteriosa. Já na fase adulta, estes heróis passam por provações desafiadoras, mesmo contrapondo os desejos dos deuses até atingirem os seus verdadeiros ideais. Como afirma Brandão (2000, p. 38), “o herói tem que superar grandes obstáculos e até mesmo arriscar, por vezes, a própria vida [...]”. Esses heróis clássicos representam a sociedade grega arcaica, são caracterizados pela força e astúcia, os melhores. Representam a excelência humana, são belos, fortes, são reis e guerreiros poderosos.

Pode-se perceber que os heróis estão associados à responsabilidade da defesa, e seus feitos ligados a uma sociedade. Segundo Brandão (2000, p. 41), “O herói está ligado, como se mencionou, à luta, muitas vezes traduzida e reduzida ao que se denominam Trabalhos [...]”. Por isso, quando se vê a presença marcada dos heróis de Homero, reconhecemos naqueles uma sociedade representada, apenas pela nobreza, inserida num tempo e num espaço aristocratizado. Para Kothe (1987, p. 14), “o herói não se esgota em enfrentar dificuldades e vencer no fim”. Esses heróis não desistem com facilidade das obrigações impostas, sentem a necessidade de resolverem, enfrentando os obstáculos, independentemente da morte. O herói só existe por que há luta.

Diante disso, não encontramos heróis, nas epopeias homéricas, com características humildes, ou que representem as classes sociais menos favorecidas. Como afirma Brandão (2000, p. 44), “os heróis enfeitam as lutas, os demais morrem anonimamente! Com efeito,

imagina-se um Herácles ou um Teseu, à frente de um exército, seria um total remodelamento do mito”. Os heróis consolidavam o poder em suas mãos e armados dominavam a maioria que não resistia e se deixava dominar. A presença do herói no combate ganha mais destaque e a sua ascendência é primordial para o enaltecimento. Ainda em Brandão:

O herói é um personagem especial, que sempre deve estar preparado para a luta, para os sofrimentos, para a solidão e até mesmo para as perigosas *catábases* à outra vida. As iniciações da *efebia* servem-lhe de escudo e de respaldo para as grandes gestas nesta vida, mas a iniciação nos Mistérios parece dispô-los para a última aventura, para a derradeira agonia: a morte, que, na realidade, o transformará no verdadeiro protetor de sua cidade e dos seus concidadãos (BRANDÃO, 2000, p. 51).

Assim, não há de se estranhar esses heróis na narrativa homérica serem representantes da aristocracia e modelos a serem seguidos por todos os cidadãos que fizeram parte deste cenário elitizado. É necessário ressaltar que Homero destacou uma classe aristocrática dominante, mas enfatizou a necessidade do homem buscar nas figuras heroicas referências para ultrapassarem suas limitações, em defesa dos ideais de um povo e sendo o representante dele. Contudo, a *Iliada* narra um episódio, no qual Homero dedica uma parte a apresentação de um soldado que se expressa contrário à ordem vigente. Este soldado é caracterizado como o anti-herói.

2.2 O ANTI-HERÓI: CARACTERÍSTICAS, TRAÇOS INDIVIDUAIS E A EXCLUSÃO ARISTOCRÁTICA.

A figura do herói, desde o surgimento até a modernidade, vai sendo desconstruída pela sua própria inserção no tempo feita pelas novas formas literárias. Mesmo encontrando mudanças ocorridas na figuração do herói, ele continua sendo o modelo típico da sociedade, sendo retratado como modelos que vence o oponente atingindo a honra e a glória. Assim, a sua representação faz parte de um cenário elitizado, dominante e enaltecido pela classe aristocrática. Deste modo, é na modernidade que podemos encontrar uma subversão de valores pertencentes não só aos heróis, mas também aos anti-heróis. Segundo Kothe (1987, p. 16), “o anti-herói só deixa de ser herói por ele não se enquadrar no esquema de valores [...]”. Sendo assim, o anti-herói é excluído e não pode ser visto como modelo de honra e bravura para a sociedade. A caracterização do herói passa a ser, segundo Barthes (2013) como um personagem apresentado de primeira ordem, e é a partir dele que todos os demais se organizam. Em certas tendências na literatura moderna, os personagens secundários

desempenham papéis importantes e são primordiais para o enaltecimento dos demais, o que na maioria das vezes, não é bem visualizado.

O herói da epopeia é visto como significativo de acordo com os seus feitos, já o herói moderno é caracterizado como a reversão do percurso do herói antigo. Segundo Bakhtin (1998, p. 136), “o herói épico pode proferir longos discursos (enquanto que o herói romanesco silencia)”. A autonomia daquele é vista como um ser que se posiciona em seu meio com a autoridade que lhes é atribuída. Já o posicionamento do herói moderno é visto como uma atitude particular, decisiva apenas em seu ponto de vista. O herói da epopeia é substituído no romance pelo herói individual. Como afirma Bakhtin (1998, p. 137), “a ação do herói do romance é sempre sublinhada pela sua ideologia: ele vive e age em seu próprio mundo ideológico [...]”. Portanto, podemos perceber a inserção desse herói moderno na literatura que vem aproximando-o ao mundo real, vivido por ele, em contraponto ao modo e estilo de vida dos verdadeiros heróis clássicos.

Esse herói individualizado pelas próprias tomadas de decisões se torna modelo de um ser contrariamente ao modelo do herói tradicional, mas o anti-herói pode funcionar paralelamente ao herói como sua contrapartida, assim sendo pode ser chamado de antagonista. O anti-herói segundo Massaud Moisés:

Designa o protagonista de romance que apresenta características opostas às do herói do teatro clássico ou da poesia épica. Seu aparecimento resultou da progressiva desmistificação do herói, ou seja, de sua crescente humanização: com o despontar do romance, no século XVIII, os representantes de todas as classes sociais entraram a substituir os seres de eleição, semidivinos, que antes povoavam as tragédias e epopeias (M. MOISÉS, 1974, p. 29).

O seu surgimento do anti-herói, a partir do século XVIII, corresponde a um indivíduo em ruptura com os padrões morais e éticos de uma determinada época. Nesta acepção, é apresentado como um personagem sem virtudes, que se choca com os valores aristocráticos pré-estabelecidos. O anti-herói não se adequa aos poderes vigentes da sociedade e passa a ser visto como um ser desprezado. Outro aspecto que chama a atenção é o modo como são desqualificados. Segundo Reis e Lopes (1988, p. 192), “As peculiaridades do anti-herói decorre da sua configuração psicológica, moral, social e econômica, normalmente traduzida em termos de desqualificação”. Assim, esses anti-heróis estão fadados a forças tenebrosas, e excluídos de um sistema, pela não adequação.

Outro aspecto em contraste aos anti-heróis, é que os heróis clássicos são belos, fortes, inteligentes, sagazes, bondosos e assim sucessivamente. Desse mesmo modo, a descrição do anti-herói é feita minuciosamente. No entanto, suas particularidades físicas e psicológicas, geralmente, são enfatizadas, com o objetivo de ridicularizar sua figura e, conseqüentemente, suas ações. De acordo com Reis e Lopes:

Neste aspecto, o estatuto do anti-herói estabelece-se a partir de uma desmistificação do herói, tais como o Renascimento ou o Romantismo o entenderam: do mesmo modo, a transição da epopeia para o romance, banalizando a figura do protagonista e apresentando-o não raro eivado de defeitos e limitações, constituiu também um fator de desvalorização que há de ter em conta. Apresentado como personagem atravessada por angústias e frustrações, o anti-herói concentra em si os estigmas de épocas e sociedades que entendem a desagregar o indivíduo e a fazer dele o “homem sem qualidades” [...] (REIS E LOPES, 1988, p. 192).

Eles são apresentados como sendo feios e cheios de defeitos físicos, perturbados, estranhos, enfim, totalmente alheios aos padrões estético-comportamentais de sua época. Embora suas atitudes e intenções, muitas vezes, pareçam tão nobres e sublimes quanto às do típico herói exaltado por Homero, esses anti-heróis são sempre narrados sob o prisma da negatividade. Portanto, é na modernidade que se encontra uma subversão de valores heroicos tradicionais.

3. ULISSES CONTRAPOSTO A TERSITES

A classe nobre é representada na *Iliada* como a única a ter direitos nas suas tomadas de decisões. Seus personagens são apresentados como os melhores e mais virtuosos. Segundo Brandão (2000, p. 20), “o herói descende de ancestrais famosos ou de pais da mais alta nobreza: habitualmente é filho de um rei”. A procedência do herói pode ser vista como um ser que vem de uma classe hierarquizada, pois a classe nobre é a única a ter direitos. Nesta acepção é um herói que já nasce com virtudes e qualidades.

O heroísmo dos personagens em Homero pode ser caracterizado com a busca pela excelência a partir dos conflitos bélicos. Existem dois tipos de heróis representantes do clássico: o herói épico e o trágico. Entretanto, o que nos interessa nesse estudo é a caracterização do herói épico como ser superior que consegue superar seus obstáculos. Reis e Lopes define, assim, a essência do herói épico:

A postulação teórica do conceito de herói relaciona-se diretamente com uma concepção antropocêntrica da narrativa: trata-se de considerar que a narrativa existe e desenvolve-se em função de uma figura central, protagonista qualificado que por essa condição se destaca das restantes figuras que povoam a história. Esta e as categorias que se estruturam são organizadas em função do herói, cuja intenção na ação, posicionamento no espaço e conexões com o tempo contribuem para revelar a sua centralidade indiscutível (REIS E LOPES, 1988, p. 210).

O herói épico, na *Iliada*, busca atingir a sua excelência por natureza. Ele assume suas responsabilidades, o que não poderia ser caracterizado como um simples homem do povo. Ele está na condição de destaque. Portanto, sua origem está vinculada a uma divindade, além de ser submisso a essa divindade. Assim, o heroísmo se faz por faces de orgulho, da honra, de suas ações nobres, mesmo que determinadas atitudes sejam questionáveis e ligadas a um deus. Segundo Jaeger (2013, p. 39), “A *Iliada* fala-nos de um mundo situado num tempo em que domina exclusivamente o espírito heroico da *areté*”. Ainda que suas atitudes sejam monstruosas, ele vive um poderio de seu tempo, pela honra adquirida no combate. Os atos de heroísmos são alcançados quando o herói vence os seus desafios e completa sua tarefa.

Na saga de Ulisses, o herói é avisado por sua protetora, Palas Atena, deusa da guerra, a seguir uma viagem em busca do enaltecimento, realizando, assim, sua condição de herói mitológico, ele é apresentado, na poesia, exercendo um grande papel, que será o de assumir a configuração heroica representativa de um povo. O nascimento do herói na literatura aparece de forma épica. Essa primeira aparição e suas qualidades serão herdadas pela literatura ao

longo dos tempos. Assim, o herói é retratado de forma primária, assumindo características primordiais que serão representativas no contexto histórico e social grego arcaico. O principal criador desses personagens é Homero.

A *Ilíada* narra à consagração de heróis que são verdadeiros educadores da Grécia Antiga. Segundo D’Onofrio (1997, p. 56), “Os filósofos socráticos consideraram Homero como o educador da Grécia toda, pois na idade primitiva de um povo os valores estéticos não se separam dos valores éticos”. Desta forma, suas obras ganham importância significativa para a construção de toda uma sociedade em busca da reafirmação de seus valores artísticos. Nesse contexto, os atos de heroísmo se transformam em uma categoria estética adotada por toda uma civilização que deverá seguir como preceitos de educação.

A narrativa épica expõe as grandiosidades dos heróis épicos, os seus feitos e suas façanhas. Figuras como: Aquiles, Heitor e Ulisses, rei de Ítaca, fixam-se como representantes de atos de heroísmo ao longo dos tempos. Aquiles é o protagonista do poema. Segundo D’Onofrio (1987, p. 44) “é apresentado pelo mito grego como semideus, filho do rei Peleu e da deusa Tétis”. Já em Heitor vemos a presença de um heroísmo pacífico e sensato, como descreve D’Onofrio (1987, p. 46), “é o maior herói troiano, filho do rei Príamo e da rainha Hécuba, é ele quem preside as assembleias, toma as decisões e chefia a guerra contra os gregos”. É caracterizado como um herói justo e amado pelo seu povo, por ser exemplo de um homem devoto a sua família. Ulisses é um jovem herói que deixa o seu reino Ítaca, para buscar o seu destino.

Neste contexto, é importante lembrar, os grandes heróis que compõem a *Ilíada*, e que defendiam um ideal aristocrático. Segundo Kothe (1987, p. 17), “A *Ilíada* [...] sendo construída a partir de uma perspectiva aristocrática”. Assim os valores construídos pela classe dominante, não poderiam ser questionados e nem se impor contra ela. Como afirma D’Onofrio (1997, p. 44), “A *Ilíada* é a exaltação do heroísmo guerreiro”. Tudo o que fosse contrário a eles seria repreendido.

No mundo clássico o herói se torna um modelo a ser seguido e seus feitos são perpetuados de geração em geração. O herói supera todos os seus obstáculos, mesmo que lhe custe a própria vida. Exemplo típico é o de Aquiles. O herói clássico, também surge quando grandemente um rei, no caso de Ulisses. Ele era um mortal, apresentando todas as suas características de mortal. Ulisses é vaidoso, e a sua principal característica era a astúcia. Na *Ilíada*, Canto II (2013, p. 137, v. 173), pode ser visto Palas Atena aconselhando-o: “Postando-

se junto dele, assim lhe disse Atena de olhos esverdeados: “Filho de Laertes, criado por Zeus, Ulisses de mil ardis”! [...]”. O herói é submetido aos atos que lhe engrandecem a partir do heroísmo cometido. Sua coragem e a sua força são elementos essenciais para o seu engrandecimento.

Eis a origem do nome de Ulisses, para os romanos, Odisseu para os gregos, segundo Kerény (2015, p. 297): “Como o ódio de tanta gente me assistiu aqui, ele será chamado de Ulisses (Odysseus)”, a palavra grega para “Odiado”. A importância do nome atribuído ao herói é muito significativa. Além, de sua origem e suas ações, o herói não está acabado, mas prestes a começar uma saga em busca da excelência. O guerreiro homérico luta e morre, mas a sua pretensão é atingir o reconhecimento, tanto divino, como terrestre. O herói precisa ser dotado de destreza, para que as suas habilidades façam valer no campo de batalha.

Em Ulisses, observa-se sua autoridade durante o período em que esteve com o regimento da tropa combatente. Seguindo as palavras da deusa Atena no Canto II, Ulisses dirige-se com autonomia aos soldados ali presentes.

Com as tuas palavras suaves refreia cada homem; não deixes que eles arrastem as naus recurvas para o mar! Assim disse; e ele reconheceu a voz da deusa que lhe falava. Caminhou depressa, atirando a capa ao chão, que apanhou o escudeiro Euríbates de Ítaca, que o servia. Foi até Agamêmnon, filho de Atreu, e dele recebeu o cetro paterno, imperecível para sempre. Segurando-o foi para as naus dos Aqueus vestidos de bronze. Se por ventura encontrava um rei ou outro homem nobre, aproximava-se dele e com palavras suaves o refreava: “Desvairado, parece mal assustares-te como se fosse um covarde”. Senta-te agora e manda também sentar-se o teu povo [...] (HOMERO, 2013, p. 137, v. 180-192).

Segundo a *Ilíada*, afirma-se o posicionamento de Ulisses perante os demais, juntamente com o cetro e o poder que lhe fora atribuído. Dessa forma, o heroísmo tem o poder moral, o de salvar um povo. Encaminhando-se na direção de seus objetivos o herói clássico é adequado aos padrões estéticos aristocráticos descritos por Homero. O herói se sacrifica, tentando atingir o alto grau de elevação moral, criado em sua própria consciência. Segundo Kerény (2015, p. 296), “Ulisses se revelou o mais astuto dos homens [...]”. Nesse posicionamento o herói Ulisses revela-se em seu heroísmo pela astúcia desenvolvida nos conflitos aos quais era submetido. Assim, foi despertado em Ulisses o dever-fazer, pois houve uma autonomia dada por Agamêmnon ao herói que fora enrijecido em combate.

A jornada do herói é um caminho árduo a ser percorrido. Surpreendido por transformações o herói passa pelas mais difíceis provações. Ele se destaca por possuir

características relacionadas aos deuses e que por eles são manipulados. Homero, possuidor de uma genialidade, atribuiu uma voz ao soldado Tersites que, em meio aos companheiros posicionou-se contrário a aristocracia. No Canto II da *Ilíada*, a participação do soldado Tersites será breve, mas de suma significância para analisarmos a luz de autores modernos a sua ligeira passagem. Os soldados estão confusos, prestes a retornarem para seus navios, cansados de lutarem sem resultados. Agamêmnon decide elaborar um plano, para fazer os soldados retornarem. Sua esperança é que os soldados protestem contra a ordem de levantar cerco contra Troia. Se os soldados corresse para os navios, haveria os conselheiros que os comunicariam de uma organização de uma assembleia. A correria foi tamanha. Já que todos que se faziam presentes, queriam o retorno para casa. Logo são surpreendidos ao chegarem aos seus navios por uma nova assembleia formada perante todos os soldados que ouviam atentamente o posicionamento de Ulisses, encarregado da autoridade.

O soldado Tersites distancia-se de todas as formas dos heróis guerreiros da *Ilíada*. Não é possuidor de atos de bravura, não é descendente de uma linhagem nobre, não é filho de deus ou de deusa, mas a sua fala, conforme Kothe (1987, p. 16), “parece a de um líder sindical dos soldados [...]”. Seu posicionamento é visto como contrário, mesmo parecendo que a melhor opção seria a proferida por ele. Para tornarmos mais claro a presença de Tersites na *Ilíada* se faz necessário uma apresentação do soldado em meio aos demais.

Ulisses é quem conduz os conselheiros na tarefa de por fim à fuga para casa e o retorno à assembleia para induzirem a ficar. Se Ulisses via um homem que fazia parte do reinado utilizava palavras brandas, mas quando encontrava um homem comum, do povo batia-lhe com seu cetro. Ulisses lidera os conselheiros com o intuito de retornarem as muralhas de Ílion. A assembleia é formada com uma grande confusão. Ulisses, com seu posicionamento de superioridade, pede aos soldados que se sentem e escutem os seus superiores. É nesse episódio, onde dois poderes opostos se confrontam de um lado o soldado Tersites em meio ao povo, do outro o herói Ulisses, determinado a lutar em favor da honra e da bravura. O posicionamento contrário do soldado Tersites provocando a tropa guerreira ao retorno para casa, não é bem aceito pelo herói Ulisses, que com palavras grotescas humilha o soldado.

No canto II podemos perceber o posicionamento de Ulisses perante a assembleia:

Autoritário, assim percorreu o exército; e para a assembleia se precipitaram eles de novo, de junto das naus e das tendas, com o estrondo da onda que no mar marulhante rebenta contra a longa praia e das profundezas sai um rouco bramido. Todos os outros se sentaram, contidos nos seus assentos. Só

Tersites de fala desmedida continuava a tagarelar – ele que no espírito tinha feias palavras, sem nexos e sem propósito, para vilipendiar os reis, embora o que acaso lhe ocorresse dizer fizesse surgir o riso entre os Argivos [...] (HOMERO, 2013, p.138, v. 207- 216).

O soldado Tersites insita aos demais o retorno para casa, voltar a sua pátria. O que foi dito por ele tem sentido, seu posicionamento parece estar de acordo com o da maioria dos soldados. Como se não bastasse o autoritarismo empregado por Ulisses com suas palavras repreensivas, Homero o apresenta com um ser desprezível. Assim que Tersites profere o seu discurso contrário ao poder vigente, ele é ridicularizado por Ulisses que, através da força surra-o em frente aos seus companheiros, fazendo-o calar perante a multidão. Após esse episódio Tersites se cala, e sua voz não é mais ouvida entre os soldados.

O posicionamento de Tersites foi de um lutador em defesa do povo, numa tentativa de modificar o sentido do conflito. Mesmo posicionado perante uma assembleia constituída de reis e amparado por deuses, reivindicou e se fez mostrar contrário aos desejos dos grandes heróis. Lutou para que prevalecesse a justiça, o que resultaria, não apenas em seus próprios interesses, mas o de todos. Ainda que Tersites fosse apresentado como um personagem contrário aos padrões dos heróis clássicos, seu posicionamento pode ser entendido por outro ângulo. Segundo Kothe (1987, p. 17), “Tersites não viola este esquema, pois a sua “baixeza”, como a de um cavalo numa estátua equestre, garante-lhe um espaço no elevado mundo da epopeia [...]”. Sua presença e seu posicionamento o colocam na posição de destaque. Mesmo que se distancie do herói épico, aproxima-se por seus valores de anti-heroísmo, o que vem a ser desenvolvido pela modernidade, nas obras e nos estudos literários.

3.1 O ANTI-HERÓI: UMA RARIDADE DESTA NA CONSTRUÇÃO HOMÉRICA

A figura do herói, ao longo dos séculos, foi-se enrijecendo e se transformando pela literatura num exemplo de luta e coragem. Na modernidade, essa figura já não mais consegue se fixar como exemplo de perfeição e representação de uma coletividade. Essas figuras divinas, originárias da nobreza, vão cedendo lugares a outros tipos de personagens, também significativos na narrativa. Na modernidade passou-se a dar um maior enfoque a outros personagens que fugiam aos modelos clássicos. Foi no século XVIII com a multiplicação de leitores que os romances foram sendo absorvidos pela sociedade. Segundo Reuter (2004, p. 5), “O romance foi privilegiado com o aumento do público (no século XVIII e, sobretudo no século XIX) [...]”. Esse desenvolvimento só se tornou possível, com o aprimoramento de

tecnologias de produção da escrita e a procura de livros que pudessem de alguma forma, ajudar no processo de construção de uma sociedade.

De fato, a imagem do herói e sua configuração inserida na literatura, não mudaram significativamente, mas passou por um processo de focalização de personagem, influenciadora de seu meio. É na Idade Média que a figura do herói clássico começa a mudar de enfoque. Como afirma Reuter:

Desse modo, a noção de indivíduo emerge progressivamente. A pessoa (e a personagem) não é mais um simples emblema de sua casta social (o cavaleiro, o camponês...) ou o símbolo das atitudes possíveis no mundo (as diferenças entre os cavaleiros da Távola Redonda). Ele se singulariza, complexifica-se psicologicamente, é digno de existir independentemente de seu nascimento. Os heróis diversificam-se de vez e não aparecem mais como representantes exemplares de sua comunidade. Esta mutação é considerada um dos fatores de transição entre a epopeia e o romance (REUTER, 2004, p. 15).

Nessa perspectiva, o herói clássico vai cedendo lugar ao herói moderno, visivelmente encontrado, nas novelas de cavalaria, descendentes das chamadas canções de gestas. Assim os clássicos diferenciavam-se seus heróis representantes de um todo coletivo, enaltecido pela honra e pela glória, dos cavaleiros que possuíam um caráter mais individualista.

Enquanto os clássicos viam seus heróis dotados de força e representantes de todos os ideais pretendidos pela coletividade, sendo o símbolo de coragem, os personagens das canções de gestas eram representados com algum tipo de fraqueza, além da busca pelos seus próprios ideais, caracterizando um individualismo. Esses personagens, de alguma forma, são precursores dos heróis românticos, que mais tarde surgiriam numa sociedade corrompida, buscando conquistar seus valores. De acordo com Reuter (2004, p. 15), “Estas importantes transformações modificaram o estatuto e a percepção de múltiplos elementos no mundo real e nas formas romanescas”. Esse futuro arquétipo do herói romântico será também percebido em autores clássicos, mesmo quando a intenção não era produzi-lo.

A figura do herói, aos poucos vai sendo desconstruída, sem perder suas características a partir de novos estudos na modernidade em contraponto ao anti-herói. Esses anti-heróis são diversificados, possuem posicionamentos diferentes e não mais assumem uma titularidade em nome de todos. Na épica grega os heróis são vistos como seres elevados, já nas narrativas

modernas um ser da sua própria natureza, dotado de características humanas, inserido num mundo real.

Consequentemente, é na modernidade em que os valores heroicos são vistos como mutáveis e não mais perenes. Segundo Kothe (1987, p. 61), “as obras modernas, para poderem ser artisticamente superiores, têm como que uma proibição de heróis positivos e de felicidade”. Desta forma, muitas caracterizações acerca do herói surgiram para enfatizar a necessidade da construção do anti-herói. De acordo com Kothe (1987, p. 65), “O percurso do herói moderno é a reversão do percurso do herói antigo”. O herói clássico é amado pela sociedade, mesmo que fracasse, pois lutava por valores desconhecidos pela sociedade possuidora de deficiências.

O herói da epopeia passa a ceder espaços a outros heróis modernos, não mais vistos como representantes de um coletivo. No caso de Tersites é visto como um anti-herói em contrapartida a Ulisses, modelo clássico de herói representante da aristocracia. Segundo Kothe (1987, p. 71), “[...] bom herói é quem defende a lei; mal é quem vai contra a lei. A própria lei nunca é discutida nem questionada: ela é absoluta”. Essa falsa impressão da punição do herói em relação ao anti-herói ter ido de encontro à lei, é o que nos faz contestar os ideais pretendidos pelo herói. O aparecimento do anti-herói, na maioria das vezes, serve de contra partida para elevação daquele, mesmo através de um posicionamento contrário. Essa passagem na *Iliada* no Canto II, cuja tradução é de Frederico Lourenço, apresentando da seguinte forma:

Todos os outros se sentaram, contidos nos seus assentos. Só Tersites de fala desmedida continuava a tagarelar – ele que no espírito tinha muitas e feias palavras, sem nexos e sem propósito, para vilipendiar os reis, embora o que acaso lhe ocorresse dizer fizesse surgir o riso entre os argivos. Era o homem mais feio que veio para Ílion [...] (HOMERO, 2013, p. 139, v. 212-216).

Na *Iliada*, a classe nobre é representada por reis dotados de força e vontades. Ulisses é apresentado como um herói, representante de um povo e defendendo ideais. No Canto II da *Iliada*, Homero nos apresenta uma voz contrária a estes ideais, a do soldado Tersite: “regressemos para casa com as naus e deixemos aqui este homem em Troia para tirar proveito dos despojos [...]” (HOMERO, 2013, p. 139, v. 237-238). No mesmo Canto Ulisses responde: - “Filho de Atreu, estás descontente? Falta-se alguma coisa? As tuas tendas estão cheias de bronze e de mulheres escolhidas [...]” (HOMERO, 2013, p. 140, v. 225-226).

A intromissão de Tersites é vista como uma ofensa aos soldados que ali se faziam presentes. O soldado comum foi retratado de forma grotesca pelo herói Ulisses:

Tersites de fala desbragada (embora seja bom orador) controla-te! Não queiras entrar, sozinho, em conflito com reis. Pois eu afirmo que não há criatura mortal mais abjeta que tu, entre todos que para debaixo de Ílion vieram com os Atridas. Por isso não deves andar com os nomes dos reis na boca, nem proferir injúrias [...] (HOMERO, 2013, p. 139, v. 247-250).

A posição de Tersites contra Ulisses é rebaixada. Como guerreiro, seu posicionamento é questionado. Mesmo sabendo falar bem e defender os ideais que aspira, a fala de Tersites é vista como indignação aos reis. O soldado Tersites defende apenas as retiradas das tropas guerrilheiras do campo de batalha. Um ato de covardia, mesmo estando certo no seu posicionamento, mas uma indignidade aos heróis que representam a honra e a coragem. Tersites é surrado perante todos e humilhado pelas palavras proferidas. Assim Ulisses descarrega sua ira:

“Mas uma coisa eu te direi, coisa que se cumprirá: se eu te encontrar outra vez a disparatar como agora, que a cabeça não permaneça sobre os ombros de Ulisses, e que eu não me chame pai de Telêmaco, se eu não te agarro e dispo a roupa [...]” (HOMERO, 2013, p. 140, v.257-260).

As ofensas feitas aos reis são desastrosas, pois a reputação do herói está em jogo e não deve ser questionada. Por esse motivo Tersites é esbofeteado. “[...] e com o cetro bateu-lhe nas costas e nos ombros. Tersites agachou-se; copiosamente lhe corriam as lágrimas” (HOMERO, 2013, p. 140, v. 265-266). Ulisses humilha Tersites, nesse momento a aristocracia representada pelo herói é vista de forma virtuosa, sendo uma classe social de características fechadas, enrijecida e hierarquizada.

Faz-se necessário compreender que na sociedade homérica os comportamentos dos personagens são estabelecidos por suas posições políticas. A postura guerreira é decisiva para o reconhecimento de herói. Segundo Vernant (2000, p. 78), “a guerra de Troia realmente aconteceu.” Para entendermos os conflitos entre os guerreiros é necessário situá-la em um tempo e espaço.

Pode-se inferir, com base no que já foi apresentado, que o anti-herói não é visto, simplesmente, como um ser fracassado, desprovido de habilidades e que não participe dos atos de heroísmo. É necessário entendermos que estudos surgidos, a partir dos romancistas modernos, é que podem nos nortear para a construção de novas personagens que povoam o

cenário literário e que podem ser resgatados também nos clássicos, com o prisma da modernidade.

Essas transformações que ocorrem no romance dos tempos atuais fazem com que surjam figuras peculiares com características diferentes do clássico. De acordo com Reuter (2004, p. 24), “Uma revolução clara será sentida entre o final da Idade Média e o começo do século XX. As personagens diversificam-se socialmente e desenvolvem-se através da textualização”. Esses personagens se contrapõem ao modelo tradicional dos clássicos, mas é possível identificarmos esses personagens contrários na epopeia grega. Por isso, para entendermos os atos de anti-heroísmo, na construção de personagens modernos, faz-se necessário um questionamento acerca da construção do heroísmo, antes tido como inabalável.

O anti-herói é visto como um ser deplorável e suas características são as de um indivíduo comum. Segundo Lukács (2000, p. 66), “[...] o maior dos heróis ergue-se somente um palmo acima da multidão de seus pares, e as palavras solenes dos mais sábios são ouvidas até mesmo pelos mais tolos”. Nesse contexto, é impossível não nos lembrarmos do posicionamento de Ulisses perante a assembleia que fora constituída com o intuito de convencer os soldados a voltar ao cerco da cidadela de Ilíon. O herói passa a ser visto como uma figura emissária de valores burgueses. Competindo aos demais soldados ouvirem-no.

Nesse contexto, os heróis que povoam a *Ilíada* são cantados de forma enaltecida, por defenderem ideais aristocráticos do seu tempo de todas as formas. Como afirma Bakhtin (1998, p. 253), “Os heróis de Homero expressam seus sentimentos de forma muito brusca e ruidosa”. Esses heróis defendem um grupo específico que domina e do qual fazem parte. Ulisses, ao ser questionado por Tersites, age de forma violenta e descontrolada, mesmo este estando correto em defesa dos demais.

A repressão sofrida por Tersites, por reivindicar o retorno a sua pátria, faz com que Ulisses repreenda-o cruelmente com duras palavras, além de ser surrado em público. O anti-herói, nesse contexto, é visto como um perturbador aos ideais de uma classe dominante, transgressor de valores aristocráticos do período vigente. Conforme Lukács (2000, p. 61), “A epopeia [...] é a perfeita teodiceia, na qual crime e castigo possuem pesos iguais e homogêneos na balança do juízo universal”. Desse modo, o heroísmo é construído em face da honra e da virtude de um poder vigente, mesmo suas atitudes sendo questionadas; o herói

consegue assegurar a sua titularidade como modelo exemplar de seus feitos e suas ações, pois foi o herói quem as praticou.

Assim, o herói épico é visto como representante de seu povo, pois além de possuir qualidades típicas de herói, ele defende uma coletividade. Segundo Lukács (2000, p. 67), “O herói da epopeia nunca é, a rigor, um indivíduo. Desde sempre se considerou traços essenciais da epopeia que seu objeto não é um destino pessoal, mas o de uma comunidade”. Nesta acepção é um herói relacionado ao povo, buscando atingir o bem comum. Ulisses defendia os ideais da aristocracia e tudo o que fosse contrário a ela seria demasiado perturbador da ordem social.

Os anti-heróis, geralmente, são injustiçados por um sistema corrupto da sociedade. Suas atitudes são apresentadas de forma desvalorizada e muitas vezes sem função. Esse tipo de personagem é dominado pelo seu meio, sem valor modificador da situação. Mas segundo Kothe (1987, p. 23), “[...] a grande obra é capaz de mostrar a (grandeza) existente naquilo que aparenta ser apenas baixo e derrotado”. Do mesmo modo, o anti-herói corresponde a um indivíduo em ruptura com os padrões morais, mas suas atitudes podem ser vistas como justas a partir dos ideais pretendidos.

Outra caracterização da inferiorização dos anti-heróis é a descrição de sua fisionomia. Muitas vezes são descritos como seres repulsivos, como já fora citado a do soldado Tersites em contraste aos heróis épicos. Aqueles são apresentados como sendo feios e cheios de defeitos físicos, totalmente antagônicos aos padrões estéticos do herói. Não obstante, seus interesses sejam validados pela maioria, o anti-herói sempre será visto pelo olhar da negatividade. Pode-se dizer que o anti-herói surge para contestar padrões de uma determinada classe dominante, e não mais se calar diante de uma verdade tida como absoluta pelo herói. Entende-se que a figura do anti-herói não se encontra apenas nas obras modernas, mas são encontrados nas epopeias clássicas. Os conflitos apresentados, acerca da construção do anti-herói, surgem em diversas sociedades, é o que se verifica na *Ilíada*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como foco apresentar o anti-herói na construção épica em contraponto ao herói clássico na obra de Homero, mais especificamente, na *Ilíada*. A partir daí, estabelecendo uma conexão dos tempos clássicos aos tempos modernos, podemos concluir que a figura do anti-herói pode ser encontrada, mesmo nas epopeias clássicas e persiste na construção das narrativas modernas. A epopeia possibilitou, através de sua análise, reconhecer, mesmo que a intenção homérica não tenha sido esta, os primeiros focos do surgimento do anti-herói.

A poesia na epopeia tinha como principais características o enaltecimento das principais proezas dos grandes heróis, enrijecidos na cultura dos gregos na forma de consolidação cultural. Esta poesia se materializou, mesmo sem intenção, nas gerações subsequentes. Assim, heróis surgem como figuras dotadas de características que deveriam ser seguidas por toda sociedade grega. A epopeia era estudada como uma verdadeira instrução de comportamentos aristocráticos.

Desta forma, a poesia de Homero serviu para glorificar os nomes dos principais heróis que povoam as suas duas obras, a *Ilíada* e a *Odisseia*. De fato, na *Ilíada* a figura de Aquiles é a mais representativa entre as demais, mas entre os principais guerreiros, Ulisses surge como representante de uma tropa de soldados. Para finalizarmos as observações sobre a presença do herói aristocrático homeriano, podemos deduzir a sua inserção num mundo dotado de competitividade, além de seu reconhecimento em presença dos seus pares. Do outro lado, surge a figura do anti-herói, cujo desenvolvimento será importante na literatura moderna ocidental.

Em primeiro lugar, buscou-se fundamentar as consolidações teóricas alusivas aos estudos do mito e da epopeia na literatura ocidental. É necessário conhecermos a formação desses mitos e sua inserção no tempo e no espaço. Realizou-se um breve estudo acerca da verdadeira identidade de Homero, sua influência e importância na cultura grega, além do estudo de suas obras, em especial, a *Ilíada*, objeto de estudo deste trabalho. Na sequência enfatizamos os valores aristocráticos cantados pela epopeia homérica e o seu sentido no poema. Vista dessa forma, a *Ilíada* canta os feitos dos heróis, oriundos da nobreza. Assim, distanciado do modelo homérico, em alguns aspectos, o anti-herói na epopeia surge subvertendo características do herói aristocratizado.

Tratou-se no segundo capítulo, dos conteúdos relativos ao herói e anti-heróis em oposição, com embasamento teórico de autores como: Jaeger, Brandão e Kothe. Ressalta-se que o anti-herói domina nos tempos modernos, devido à desmistificação dos ideais pretendidos pela aristocracia como modelo representante de uma sociedade. Assim, podemos perceber que a mudança do herói não foi de forma repentina, mas passou por processos de modificações da sociedade, além das transformações do homem no meio social. Kothe pode nos evidenciar essa figura anti-heroica, presente na literatura clássica e concretizada na modernidade. No romance moderno o anti-herói vive o seu estado de espírito, inserido num mundo real onde lhe cabem as suas próprias decisões. Este capítulo possibilitou encontrarmos características fundamentais dos heróis e dos anti-heróis, nas suas qualidades e defeitos, contrapostos em degraus diferentes, mas cada um com suas especificidades.

No terceiro capítulo, foram analisados os atos de heroísmo e anti-heroísmo presentes nas personagens inseridas na *Iliada*, Ulisses contraposto a Tersites. Realizou-se a partir dessas personagens uma leitura interpretativa de suas funções e seus atos em meio aos conflitos existentes entre ambos. Objetivou-se demonstrar como a personagem Ulisses assume características próprias de atos heroicos. Já Tersites é caracterizado como um ser que assume atos de anti-heroísmo, pelo seu posicionamento ideológico, seguido de uma descrição repulsiva feita pelo narrador. Nestes casos podemos averiguar que as construções literárias, em seu tempo e espaço, estão permeadas de figuras representantes de uma sociedade como um todo. Uns mais elevados outros rebaixados.

Ainda no terceiro capítulo, considerou-se a necessidade de confrontá-los, de um lado o herói Ulisses, representante de uma nobreza aristocrática, do outro Tersites, soldado que ao se posicionar perante aquele, com ideais contrários, é surrado em meio aos seus companheiros, pelo herói Ulisses. Diante disso, o posicionamento de Tersites, reflete-se: uma classe só é excluída quando o seu posicionamento conjeta ideais diferentes dos dominantes. Desta forma, o mundo homérico vai sendo construído por valores enaltecidos por heróis que anseiam atingir o cume da representação dos valores nobres. A honra e a força são características principais de suas personalidades.

Os artistas revelam, em suas obras, um ponto de vista marcado pelo contexto histórico em que viveram. As representações mostram uma concepção de mundo caracterizado por valores e julgamentos que se manifestam na abordagem dos temas expostos. Assim, a representação de heróis clássicos, na obra de Homero, permite ao observador fazer algumas

hipóteses sobre a visão que o poeta tinha da classe aristocrática, em detrimento da menos favorecida. Embora ambas vivam em um contexto comum, a guerra, mas cada uma é possuidora de um ideal diferente. O reconhecimento de determinadas características ajuda a identificar os elementos necessários para uma análise mais rígida e apurada pelo pesquisador.

Com a análise feita a partir do herói Ulisses e do anti-herói Tersite,s na *Ilíada*, espera-se que este trabalho tenha elucidado questões relativas aos arquétipos do herói contraposto ao anti-herói. E visto que a questão não foi esgotada, a epopeia, em destaque a *Ilíada* representa ações nobres de heróis, mas podemos encontrar personagens que se aproximam dos modelos anti-heroicos enfatizados na modernidade.

REFERÊNCIAS

- ARISTOTELES, **A poética clássica**. Tradução Jaime Bruna. – 1ª ed. reimpressão. São Paulo: Cultrix, 2014.
- AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. –São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de estética**: A teoria do romance. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- BECKER, Idel. **Pequena História da Civilização Ocidental**. 6ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. Petrópoles: Vozes, 2014.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega V. III**. Petrópoles: Vozes, 2000.
- CASSIRER, Ernst. **Linguagem e Mito**. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1985.
- CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental. V. I**. São Paulo: Leya, 2012.
- D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura Ocidental**. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- GRIMAL, Pierre, 1912. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Trad. de Victor Jabouille – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- HOMERO, **Ilíada**. Trad. Frederico Lourenço. 1ª ed. São Paulo: Peguim Classics Companhia das Letras, 2013.
- JAEGER, Werner Wilhelm. **Paideia**: A formação do homem grego. Trad. Artur M. Pereira. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- JOLLES, André. **Formas Simples**. São Paulo: Editora Cultrix, 1930.
- KERÉNEY, Karl. **A mitologia dos gregos: vol. II**: A História dos heróis. Trad. de Octávio Mendes Cajado. – Petrópolis: Vozes, 2015.
- KOTHE, Flávio R. **O Herói**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. ed. 34. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

MAFRA, Johnny José. **Cultura Clássica grega e latina.** Belo Horizonte: Editora: PUC Minas, 2010.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários.** São Paulo: Editora Cutrix, 1974.

MARQUES, Júnior Milton. **Introdução aos estudos clássicos.** ed. João Pessoa: 2008.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Teoria da Narrativa.** São Paulo: Editora Ática, 1988.

REUTER, Yves. **Introdução à análise do romance.** Trad. Angela. 2 ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ROLAND, Barthes. **Análise estrutural da narrativa.** Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto.

VERNANT, Jean Pierre. **O universo, os deuses, os homens.** Trad. Rosa Freire d'Aguiar. – São Paulo: Companhia das letras, 2000.